

SANDRA VERONEZE
Organizadora

Indignados

Pragmatha
São Paulo
2020

Editora Pragmatha
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Diagramação e Artefinal: Pragmatha
Ficha Catalográfica: Carla Moraes

Todos os direitos reservados

I39 Indignados / Sandra Veroneze, organizadora - São Paulo: Pragmatha, 2020.

100 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86926-12-5

1.Poesia brasileira. 2.Literatura brasileira – Poesia. 3.Antologias. 4.Ira.
5.Emoções. I.Veroneze, Sandra.

CDU 869.0(81)-1
869.0(81)-1(082.2)

CDD 869.917
869.9108

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Sumário

| | |
|---|----|
| Prefácio ... | 07 |
| Prólogo ... | 09 |
| Não consigo respirar / <i>Graziela Barduco</i> ... | 11 |
| Passa boi, passa boiada / <i>Angeli Rose</i> ... | 12 |
| Estranhos tempos / <i>Rubens Lacerda</i> ... | 13 |
| Fereza / <i>Jania Souza</i> ... | 14 |
| Eu luto / <i>Raquel Lopes</i> ... | 15 |
| Não é assim? / <i>Karin Tallini</i> ... | 16 |
| Incômodo / <i>Rosalva Rocha</i> ... | 17 |
| O povo está esperando / <i>Maria Pinto da Silva</i> ... | 18 |
| Tempo imperfeito / <i>Marilu F Queiroz</i> ... | 19 |
| O mundo é tão lindo, mas... / <i>Cláudia Gomes</i> ... | 20 |
| Tudo é vaidade / <i>Rosângela de Carvalho</i> ... | 21 |
| Um grito contra bachequês / <i>Tauã Lima Verdant Rangel</i> ... | 22 |
| Holodomor / <i>Tauã Lima Verdant Rangel</i> ... | 23 |
| Pogrom / <i>Tauã Lima Verdant Rangel</i> ... | 24 |
| Enterro na rede / <i>Tauã Lima Verdant Rangel</i> ... | 25 |
| Desgoverno / <i>Mara Carvalho Leite</i> ... | 26 |
| Dignidade / <i>Arlindo A. Junior</i> ... | 27 |
| Acolhimento / <i>Rosa Luizari</i> ... | 28 |
| Fúria do vento / <i>Rosa Luizari</i> ... | 29 |

| | |
|---|----|
| Onisciente / <i>Rosa Luizari</i> ... | 30 |
| Refúgio / <i>Rosa Luizari</i> ... | 31 |
| Colérico / <i>Rosa Luizari</i> ... | 32 |
| Caderno / <i>Rosa Luizari</i> ... | 33 |
| O lugar da mais valia / <i>Rosa Luizari</i> ... | 34 |
| Pergunta / <i>Rosa Luizari</i> ... | 35 |
| Trânsitos / <i>Rosa Luizari</i> ... | 36 |
| Apanhador de almas / <i>Rosa Luizari</i> ... | 37 |
| Liberdade / <i>Giovana Schneider</i> ... | 38 |
| Ignotos / <i>Giovana Schneider</i> ... | 39 |
| Desmantelo social / <i>Paulo Vasconcellos</i> ... | 40 |
| Somos desalentados / <i>Wezlen Costa</i> ... | 41 |
| La révolution, c'est nous! / <i>Cílio Lindemberg</i> ... | 42 |
| Só molecagem / <i>Benigna Samselski</i> ... | 43 |
| Acorda, João / <i>Manoel Oliveira</i> ... | 44 |
| Indignados / <i>Ligia Messina</i> ... | 45 |
| Brasil indignado / <i>Roselena de Fátima Nunes Fagundes</i> ... | 46 |
| Indignação / <i>Leila Araújo Pereira</i> ... | 47 |
| Soneto do desengano / <i>Edmilton Bezerra Torres</i> ... | 48 |
| Indignado! / <i>Paulo C Freire</i> ... | 49 |
| Quero ter vez, quero ter voz / <i>Paulo C Freire</i> ... | 51 |
| Entreguerras / <i>Luiz Otávio Oliani</i> ... | 52 |
| Politicidade / <i>Tchello d'Barros</i> ... | 53 |
| Políticos / <i>Leonardo Andrade</i> ... | 54 |
| Born in the 60's / <i>André Giusti</i> ... | 56 |
| Coisas que acontecem / <i>Adriana Barbosa do Carmo</i> ... | 58 |
| Trem da história / <i>"Nato" Azevedo</i> ... | 59 |
| Desflorando / <i>Lúcia Eneida Ferreira Moreira</i> ... | 60 |

Chove lá fora / *Simone Rohrig* ... 61
Pescadora de ilusão / *Lin Quintino* ... 62
Me impediram! / *Magno Charrua* ... 63
Debruçada sob a América do Sul / *Marisa Burigo* ... 65
O pensador / *Celso Corrêa de Freitas* ... 66
Inocente / *Celso Corrêa de Freitas* ... 67
Pinheiros e crianças / *Celso Corrêa de Freitas* ... 68
É só uma gripezinha / *Eduardo Amaro* ... 69
Fúria / *Laura Silva de Souza* ... 70
Hate / *Marcus Hemerly* ... 71
E nós, enfim quem somos? Humanos? / *Isi Caruso* ... 72
Procuro-te, justiça! / *Adriana Pavani* ... 73
Viço / *Rosana Batista Almeida* ... 74
Afim, o fim / *Adilson Roberto Gonçalves* ... 75
Transfundir-se / *Adilson Roberto Gonçalves* ... 76
Windows / *Maiara Amaral* ... 77
Para mim, chega / *Gargione Avila* ... 79
Ser humano mau! / *Marcelino Carvalho* ... 81
Indignados / *Fernando Matos* ... 82
Essa política me dá nojo / *Leonardo Andrade* / 83
Travessia / *Rita Queiroz* ... 84
Quem somos ... 85

Prefácio

Não estamos perdidos

Vivemos em tempos sombrios, tais como o de Bertolt Brecht, nos quais o medo e a desesperança fazem com que nossos sonhos sejam eternamente adiados. Como se a cultura tivesse sido subornada e subordinada, somos constantemente expostos a estímulos que buscam tolher a nossa imaginação e, como resultado, temos mais facilidade para pensar o fim do mundo do que o surgimento de um novo. Como foi que ficamos tão obcecados com curtidas e visualizações ao ponto de não percebermos que, há muito tempo, estamos sem voz e sem opinião sobre nada?

Mas não estamos perdidos. A poesia, ao jogar luz sobre as injustiças e opressões que moldam o nosso dia a dia, já deu todas as demonstrações de ser essa força contrária que varre do íntimo as formas de conformismo e inércia. Foi assim com o Modernismo de 1922, que repensou a identidade nacional e, também, com a Poesia Marginal dos anos 70, que se confrontava com os anos mais duros da repressão autoritária. Em tempos sombrios, a poesia desempenhou a função de lembrar a sociedade brasileira de que onde existe injustiça também existe resistência.

Pois se é verdade que a tradição do passado comprime os vivos como um pesadelo, também é verdade que quem faz a história da humanidade somos nós, embora não nas

condições que escolhemos. Para mudar esse cenário, é essencial sermos indignados. Apesar da conotação negativa, o ódio, como escreveu Carlos Drummond de Andrade em “A Flor e a Náusea”, é o melhor de nós porque ele nos salva da absoluta falta de esperança.

Nesta reunião de poemas, o leitor vai encontrar muitos motivos para se indignar. Corrupção, autoritarismo, negligência, desigualdade, discriminação são alguns dos temas abordados de forma singular. São versos lúcidos, apaixonados, que não têm medo de discutir, marcar posição e levantar bandeiras. São poemas que põem lenha na fogueira para quem acredita que já basta de versos meigos e murchos. O momento atual pede antes um “poema sujo” como o de Ferreira Gullar.

Ficar indignado é abrir a porta da esperança, porque a indignação, ainda que ela se apresente em tom de pessimismo, sempre nasce da perspectiva de como o mundo poderia e deveria ser diferente. Contra o peso que assola nossos ombros na direção do conformismo e da inércia, “Indignados” é um convite para pensar que um mundo melhor não só é desejável, mas também possível e até mesmo urgente.

Lucas Becker Delwing

Historiador e escritor

Prólogo

Evolução ou desesperança? Indignação!

Era de se imaginar que, no mundo, a humanidade precisava refletir mais sobre o real objetivo de sua existência.

A maior surpresa foi recebida através dos meios de comunicação, que relataram de forma instantânea uma possível infecção causada por vírus aparentemente sem antídoto algum, e, não havendo cura, gradativamente a consequência seria a eliminação de ser humano aos poucos.

As grandes nações, representados pelos seus governantes, começaram a temer, em absoluto sigilo, sobre uma possível guerra nuclear química, de grandes proporções.

Eis que em poucos dias chega ao nosso país, ao nosso estado e ao nosso Município, todas essas consequências que assolam o grande mundo.

Num piscar de olhos, tudo praticamente parou em pleno dia corrido de movimentação, fomento e trabalho, em todos os segmentos. Portos, aeroportos, comércios, combustíveis, transportes urbanos, logísticas; enfim, tudo praticamente sofreu com uma espécie de toque de recolher e reclusão.

A princípio seria a curto prazo, mas a forma com o que esse vírus foi se propagando obrigou-nos a postergar por dias, semanas e meses. Daqueles que contraíram o vírus, a grande maioria conseguiu se recuperar, pois foram percebi-

dos e medicados a tempo e hora, enquanto milhares perderam suas vidas, muitos em prol de outras vidas. Nesse jogo, nem mesmo os maiores estudiosos do planeta sabem definir se é “sorte” ou “azar”.

O fato é que medidas e cuidados passaram a fazer parte de nossa rotina, sendo abandonados os abraços, apertos de mãos, evitar aglomerações de pessoas onde a transpiração mistura-se, as indústrias passaram a adequar-se à “nova era”, tudo para evitar a consequência maior desse vírus: o dano fatal por contágio.

O ser humano tornou-se um misto de sentimentos, entre egoísmo e solidariedade.

A cada um de nós ficará para sempre esse ano de 2020 marcado como “distanciamento”. O calor humano entre os povos encontra-se adormecido por conta desse acontecimento.

Há quem tenha esperança, há quem já não espera muito dos dias, e há aqueles que, diante de tudo isso, estão indignados!

Mario Antonio Barcelos

Não consigo respirar

Graziela Barduco

Neste mundo tão indigesto
Estufado pelas serpentes
Há discursos tão latentes
Resguardando-se em protesto
Que reclama seu manifesto
Da multidão sem se calar
Que não mais vai aturar
A barbárie respaldada
Na frase outrora sufocada:
"Não consigo respirar".

Passa boi, passa boiada

Angeli Rose

O homem passa, o gado passa
passa boi, passa boiada
Mas ninguém arrisca
compreender o que
esse homem-gado caça

Diga o que o gado
quer ao passar
Passe o que diz
ao gado quando ele quiser
mostrar que passa
sobre seu desejo
indignado

Vida de gado
O boiadeiro conta
Gado com vida
Muge, imanta
Prado
Calo
Mato
Quantos ainda serão enganados?

Estranhos tempos

Rubens Lace

Rua vazias, silêncios
Murmurar de pensamentos
O que, como ou por que?
É o fim, nova era?
O que nos aguarda
Logo ali, amanhã?
Faces escondidas
Abraços proibidos
Mãos órfãs de outras mãos
Distantes, só observados
Através de uma tela
Um sorriso, saudade
Velhos, só nas janelas
A imposição
Goela abaixo
De tudo tão estranho
Nos corrói sentimentos
Dos donos do poder
Com suas ordens
Quais chibatas invisíveis
A nos prostrar
Até quando?

Fereza

Jania Souza

viver
eterna luta
enquanto se respira
passo a passo
constrói-se a peleja no mundo
dói a impotência na luta diária
algemas em pés descalços
desesperança, sepultura
do excluído

destituídos de posse
passarinhos sem ninho

consciência, falta a muitos
sabedoria não é fruto caído
estado existe
por causa do homem

Eu luto

Raquel Lopes

Eu luto
mas é em vão.
As dores são mais fortes agora
arrastam a minha vida pelo vendaval das incertezas.
Angústia em não estar contigo
pois me venceste
e não aguento mais sofrer por isso
não aguento.
Minha razão não quer te amar
mas meu coração
tolamente se refaz
empurra-me cada vez mais
para junto de ti.
Irás arrepender-se um dia por não saber me amar
e eu rirei da tua agonia
como agora
estás a rir da minha.

Não é assim?

Karin Tallini

Amor, sempre essência de vida.
Será o cotidiano dessa pandemia?
Não é assim?

Encontro nas ruas as tristezas.
As fomes dos olhos mexidos.
Transformados do dia para noite em melancolia.

Com assim?
Ver a vida diferente, transformada em belo dia,
Numa noite incrível, de dias e dias, dentro de si.

Encontro da miséria, fome, tristeza no lixo,
Ver na mão estendida do amor,
Um recanto de conforto para coração.

Não é assim?
A transformação do amor em solidão,
Perfeito encontro entre interior e indignação.

Indignação com si mesma,
Com os líderes,
Com amigos, articuladores, narcisistas, egoístas.

Como assim?
Na morte, na perda, na dor.
Enfiam a faca, delicadamente, no coração.

Não é assim?
A cada dia dessa noite intensa,
A robustez do amor, cresce na alma do sofredor.

Incômodo

Rosalva rocha

Naquela manhã acordou
desconcertada – incomodada

Havia sonhado com
pedras
valetas
fome
abandono

No centro de tudo, a protagonista do sonho:
uma menina ruiva (com o rosto sujo)
perambulando por vielas cansadas
com olhar triste – baixo
sem norte – sem sorte

O triste retrato
de uma realidade
nua e crua
traduzindo a desigualdade
com muita maldade

Impossível amanhecer branda ...

O povo está esperando

Maria Pinto da Silva

Na minha simplicidade
De poeta ignorante
Eu nunca sei falar pouco.
Meu vocabulário é gigante.

É pena que esse poema
Não tenha espaço o bastante
Pra mandar o meu recado
Para o poder governante!

Saia da toca, malandro!
Vá cumprir sua promessa.
O povo está esperando.

Mentiu a todos, canalha!
Agora fica escondido.
Tem medo de represália?

Tempo imperfeito

Marilu F Queiroz

A humanidade é crítica e imperfeita...
Chega de egoísmo, soberba, incompreensão!
Tudo seria melhor e muito mais sensato,
sem os atos impensados e praticados,
que na nossa vida, muito mal refletirão.

Da pandemia lembraremos muita coisa...
Que ela nos trouxe consequência desastrosa...
Vítimas que somos de ações inesperadas,
não importa a procedência, sempre retornam
de forma abrupta, ruim e tempestuosa.

O que será de todos nós, de nossa vida,
com projetos e trabalhos interrompidos?
Ansiedade, tristeza e revolta é o sentimento
ao vermos pessoas sem máscara, bares lotados...
Tantos babacas de gestos e atos irrefletidos!

Recordaremos da imbecilidade daqueles,
que sem consciência se aglomeraram...
O desgoverno, as fake news, a ignorância
e de como eles juntamente com o descaso,
nem ligaram e tantas mortes provocaram!

O mundo é tão lindo, mas...

Claudia Gomes

O mundo é tão lindo
E a solidão ainda cabe em nosso colchão
O mundo é tão lindo
E a discriminação, esse câncer social, não para de se propagar
Palmeiras, cantos, pássaros a voar
O mar, as ondas e a areia para que possamos descansar
E o racismo insiste em contaminar
Insiste em assassinar os sonhos,
as vidas e a tudo que de bom há
Tantas coisas lindas para nos encantar
E vejo, indignada, o mal pelos séculos ultrapassar!
O mundo é tão lindo
E os racistas precisam parar
Precisam fazer o amor brotar
Para que flores do respeito
Em sua vida possam embelezar!
Indignados seguimos
Lutando em versos e prosas
Por um mundo muito mais lindo
Por isso eu grito:
Pelo fim, urgente, deste cruel e frio racismo!

Tudo é vaidade

Rosângela de Carvalho

O homem pode criar de tudo,
mas jamais fará uma folha se soltar,
jamais colocará calor no sol,
nem vidraças no céu.

O homem pode fazer de tudo,
mas jamais preencherá sua alma,
jamais removerá do céu seus nimbos,
nem fechará o olhar da lua.

O homem pode fazer todas as descobertas,
mas jamais descobrirá a data de sua morte,
jamais colorirá as asas de uma arara,
nem colocará pérolas nas ostras.

O homem pode até querer ser deus,
mas jamais dará vida eterna a ninguém,
jamais acenderá uma estrela sequer,
nem fará um vaga-lume piscar.

O homem pode gerar filhos e mais filhos,
mas jamais poderá saber o que será deles,
jamais saciará a alma deles,
nem os protegerá dos males do mundo.

O homem pode, entretanto, ser humilde,
e aceitar que existe um único Deus eterno
que tem um filho salvador de todos nós,
que é a verdade, o único caminho e a vida Eterna!

Um grito contra bacha bazi

Tauã Lima Verdan Rangel

Uma denúncia é apresentada no verso rimado
Nas terras do Afeganistão, o costume tolerado
A experiência de jovens meninos e abduzida
Para a prática do bacha bazi, a dor é sentida

Meninos novos têm a esperança assassinada
Ainda pré-púberes, a triste sorte é determinada
De suas famílias, pelas autoridades arrancados
Em brinquedos sexuais, eles são demudados

Ecoam os clamores das famílias em lamento
Com um pesar sem fim, um odioso sofrimento
Em meio à devastação, eis indevida tolerância

Os corpos objetificados pelo desejo irracional
Transformar jovens meninos no escravo sexual
Um grito ecoa, um pedido de ajuda em ânsia

Holodomor

Tauã Lima Verdan Rangel

O céu não está tingido de azul, está nebuloso
Quantos lamentos, um sofrimento assombroso
Nas ruas e avenidas, um silêncio amedrontador
Uma mescla de desespero e de agonizante dor

As crianças não possuem o frescor no olhar
Há uma angústia nos corpos fracos a abundar
Milhares de vidas perdidas numa sanha odiosa
O chão coberto de morte, visão tão tenebrosa

A vida se esvai faminta, a boca tão ressequida
O estômago vazio pede pela desejada comida
Holodomor! A morte pela vil e rasteira inanição

O horizonte cinzento, despido de esperança
Falta humanidade, falta a dose de temperança
Não há respeito! Não há qualquer compaixão

Pogrom

Tauã Lima Verdan Rangel

Um cheiro de medo que se espalha pelo ar
Uma sensação de morte que está a açoiar
A vida está em perigo pela vil perseguição
Ao longe, ouve-se cair outra vítima em vão

O horror é disseminado entre todos os errantes
Às minorias, sobeja o destilar do ódio delirante
Quanta aversão é dispersada pela intolerância
A vida tenta subsistir com desmedida relutância

Os olhos estão vidrados com as vidas ceifadas
Uma montanha sem fim está, na rua, colocada
Pogrom! A existência da vida humana ceifada

Palavras de ordem clamam pelo acoçamento
A todo custo, a busca por causar o sofrimento
Com brutalidade, esvanece-se a vítima violada

Enterro na rede

Tauã Lima Verdán Rangel

Contemplo aturdido os passos cambaleantes
Há tanta tristeza, urros e sensações delirantes
A mãe envolve o pequeno corpo em mortalha
O lamento em profusão ganha campo, espalha

No colo, a criança que padeceu em sofrimento
Não houve tempo e, para mãe, não há alento
As mãos tão ossudas a mover freneticamente
Vociferam e gesticulam descompassadamente

Sou testemunha de um enterro na rede em dor
Da pequena criança retirante, a mãe em furor
Uma cólera sem-medida despejada em agonia

Sem força, a mulher desnutrida e cambaleante
Caminha sem rumo, uma senda tão delirante
Dos olhos da pobre mãe, fugiu qualquer alegria

Desgoverno

Mara Carvalho Leite

Este governo não me representa
Nunca vi tanta imbecilidade
Tanta hipocrisia e falsidade
Somos piada internacional
Dá vergonha de ser brasileiro e
De ter que conviver com essa realidade
Aguentar quatro anos é pura tortura
Quase uma ditadura que é imposta
Ao sofrido povo brasileiro
Até quando vamos suportar
Sermos enganados e manipulados
Como bestas humanas
Que não sabem pensar?
O Brasil está entregue
A corruptos e ladrões
As quadrilhas são compostas
Pelos altos escalões
Que faturam milhões
Roubando nosso povo
Sem nenhuma compaixão

Dignidade

Arlindo A. Junior

No meu pensar de matuto,
Fico a carregar desconfiança.
Se eu sei o que é indignação?
Pergunta esta que se faz mudança.
Ser homem simples, não déspota,
Por esta política sem esperança.
Pois todos os dias somos assaltados,
Na vil safadeza das lideranças.

Não tenho tempo de me confessar,
Pois, posso ter muitos pecados.
Que um dia é pouco, para eu contar,
Meu sinto mais um indignado.
Vejo aqueles que tudo podem
E nada fazer, pelos desprovidos e coitados.
Acredito que uma mudança é a solução.
Que ideias são alicerces ultrajados.

Pense em renovar, seus pensares,
Resolva ter uma nova consciência.
Fazer do seu ímpeto, o caráter forte.

Não deixe a sua moral perdida,
Para nunca ser ambígua a mutação,
Seja digno, até a morte!

Acolhimento

Rosa Luizari

A língua te acolhe
no ímpeto da fala breve
e aceita que te entregues
a elucubrações mui leves

A língua acolhedora
no seio da mãe de agora
lhe concede sem demora
a fala à luz da aurora

Um olhar mui diferente
às palavras proferidas
em tua boca cativa
na vegetação nativa

O espaço do espaço
preenchido na palavra
desenha mapa e lavra
o corpo da mão escrava

A norma já entendida
arquiteta a tua língua
apaga o tom da mímica
em brechas tão criativas.

Fúria do vento

Rosa Luizari

O vento bravio a ocupar as entranhas
forte ensimesmado de modo cruel
rebate a luz da primeira brandura
ofusca a serena menina de véu
o vento bravio provoca a raiva
pois enfurecido com ser mui cruel
ocupa espaços tão bem demarcados
é dono da terra a querer todo o céu
e o cento de terras antes desprezados
figura inerte naquele papel
mas o coração agora ocupado
por dama discreta, tão bela e fiel
faz daquele dono um ser engajado
devolve ao pequeno o tênue quadrado
e o vento revoltado não mais se exaspera
pois viu que a bondade não era quimera.

Onisciente

Rosa Luizari

O gênero frágil te espera ao portão
comida à mesa e toda devoção
espera um beijo, um suspiro, um afago
quer a recompensa num beijo molhado
você a renega pois chega indisposto
e joga à mesa o carnê do imposto
e diz não querer a mulher arrumada
renega o carinho a troco de nada
ela nem se importa com tanto descaso
nascera mulher já não foi por acaso
retoma o papel da avó e da tia
não quer que reclames da mesa vazia
e assim se refaz a rotina de Aurora
alegria de ontem tristeza de agora
e assim se refaz a vida aliterada
ao menos mantém a cabeça ocupada.

Refúgio

Rosa Luizari

A cólera que afaga agora o peito
refém de um direito outrora negado
é a mesma que alastra a pólvora fria
no espaço do ser estigmatizado
são tempos de medo no espaço vazio
são dias de caos no terreno ocupado
cores apagadas no sonho guardado
a encherem de dor a púrpura fria
caminhos do amor todos desocupados
e pedem abrigo em terras de fora
e as mãos emergentes revestem de glória
vitória em brados nas lutas de agora.

Colérico

Rosa Luizari

Lugar transcendente abriga a razão
Em um território espaço nação
Assim tão fugaz onde tece o enredo
Da dor insensata que abriga o segredo

Em teus finos traços revela a calma
Em mãos segregadas a flor se respalda
Em terra molhada tão dura e fria
Ação impensada e a calada do dia

Mas os impropérios te assaltam a noite
Escuto a fúria e o cantar do açoite
E foges sem rumo pela madrugada
E corres do dono sem medo de nada.

Mas vejo que encontras o sol da ousadia
sua inteligência tão nobre cabia
naquelas palavras em chão dissidente
e a chama a nutrir homem inteligente.

Fugiu do espaço que o renegava
Fugiu da maldade em terra chanfrada
Estava em si homem intransitivo
Queria no peito um pedaço de abrigo.

Convida maria de mãos tão singelas
Plantava em solo flores amarelas
Gostou de José à primeira entrevista

Caderno

Rosa Luizari

Fiz um itinerário
no caderno encontrado
e fiquei mui temerário:
o “poder proprietário”
lá do teu patriarcado
que de opaco nada tem
(pois faz o que convém)
registrou em letra culta
um “ajuste de conduta”
com o filho da esposa amada
mui bonita e recatada
e deixou à luz do arbítrio
o olhar do filho aflito
o menino nem falava,
pois aquém do acolhimento
encontrou o amor calado
do corpo sem sentimento
aguardando espaço próprio
para ser proprietário
dos sentidos da esposa
e da voz do filho atado.

O lugar da mais valia

Rosa Luizari

Qual o lugar
da tua mais valia
Se relia o antigo livro
encontrado ao acaso
e as frases de edifício
dirigidas ao sujeito
ocultavam o relicário
construído no armário
da senhora educada
renegada pela luta
em eterna vil disputa
com a imagem construída
soterrada na calada
da noite errante e fria?

Perguntas

Rosa Luizari

Quanto te dedicas
ao espaço ocupado
por quem senta à tua frente
ou no lugar de onde falo?

Qual é a camada
escondida no triunfo,
na manga do teu vizinho
e no teu próprio desalinho?

Como que sabes isto
se ninguém te disse nada
se no pano da almofada
a lágrima fica guardada?

Qual é o teu discurso
no palco da vida opaca
na cena da vida nua
onde tudo se depura?

Aguardo tua resposta
no caderno da memória
pois eu fico na escuta
dos “ajustes de conduta”.

Trânsitos

Rosa Luizari

No campo das forças brutas
vejo o radical crescente
em espaços de opostos
onde existe o dissidente.

No campo dos descaminhos
o lugar narrado agora
denuncia a decadência
da palavra de outrora.

No campo do teu refúgio
a maquete construída
em projetos exitosos
da famigerada vida.

Simulas o teu negócio
lá na tese teoria
e dizes no chão do agora
o que ontem não diria.

Apanhador de almas

Rosa Luizari

O lugar de onde parte o escuro
Não se sabe por antecipação no tato
Ao dobrar a esquina ficcional vazia
Sem uso em escalas milimetradas.

O lugar abandonado de ontem
Renova-se por fino trato oculto
Segue os contrários externos
Em locais pouco explorados.

Há luzes de fósforos baratos
Clima e tensão desnecessária
Comprometida com o upload
Daquela linguagem ilimitada.

Sons e movimentos traçados
À procura da calça jeans azul
Elucidam questões escritas
Pelos muros da cidade fechada.

O audível da cena oposta hoje
Revestido de plurais estruturas
Cerceados em museus que unem
Pensamentos formados a granel.

Liberdade

Giovana Schneider

Não
Não temos
Somos manipulados
Somos controlados
A liberdade é ilusória
Só existe no imaginário
É triste
Mas
É a real
Da nossa realidade
Sem liberdade.

Ignotos

Giovana Schneider

É o que somos,
Na incógnita...
É como vivemos,
E assim...
Vamos levando,
Adestrados...
Pelo sistema,
Ignorados...
Pelo poderio,
Sempre esquecidos...
Pelo combo,
E assim...
Vão nos levando.

Desmantelo social

Paulo Vasconcellos

Respingam gotas de incertezas, sob o clima das tensões
Revoltas que não são proezas
Encabeçando cruéis decepções.
O tempo passa e a esperança emperra
Mostrando a corrupção desenfreada
Que inunda o vale da ladroagem
Numa crescente e habitual discrepância.
Ambientes que se tornam antros da sacanagem
Que decepcionam e aniquilam os desvalidos
Vítimas das ações dos canalhas
Sugadores dos recursos da Nação
Retrato de um fétido lamaçal
Passarela para o desfile dos fodidos
Uma classe sem perspectivas
Nocauteada por infames fraudadores
Que se aproveitam de tais ocasiões
Para se prevalecerem da famigerada impunidade
Provocando a desgraça dos desassistidos
Pobres e coitados patriotas!

Somos desalentados

Wezlen Costa

Um povo que pede socorro: humilhado pelo alto escalão
Desprezado por algumas autoridades
Incomodando nossa Nação.
A saúde sucateada e educação prejudicada
Dinheiro surrupiado à beça.
Indignados com esse sistema
Enfrentamos o que for preciso
Buscando nossos direitos
Para que nada fique indeciso
Senão, seremos comparados a fumaça que some no ar.
Políticos sem compromissos
Fazendo-nos viver na escuridão
Correndo sem direção, em busca de dias melhores
Reavivando a esperança
Para que algo possa mudar
Em favor dos que tanto se esforçam
Para que haja progressão,
Mas não vamos desistir:
Somos de um País, estamos sempre a lutar
Por conquistas e vitórias.

La révolution, c'est nous! *

Cílio Lindemberg

Ora, quem diria que o lobo eleito é mau!
Não se notava nem pelo laranjal!
Que o alecrim dourado nada tinha de cristão!
Teriam sido as armas ou a bélica declaração

De que quem diferente for precisa morrer?
Conformar-se em perder o direito de viver!
Cobri-vos de vergonha em vosso desmerecer!
Somente os ímpios destilam ódio com prazer!

Que alienação querer fechar o STF,
E deixar tanto bueiro aberto? Ah, não!
Só quem memória curta tem e se esquece
Que o kit gay não passava de ilusão!

Menos 89 mil na economia!
Mas pode em alta a brutalidade da polícia!
Sem melhora, só razão pra taquicardia
De a qualquer hora ser vítima dessa milícia!

Causa mortis de 100 mil, mesmo até por cloroquina;
Sirvamo-nos dos ideais da Revolução Francesa,
Confrontando todo aquele que crê ser da realeza,
Mas sem nos esquecermos de trazer a guilhotina!

* Em francês, o título quer dizer, “A revolução somos nós!”.

Só molecagem

Benigna Samselski

Some daqui, some dali
E eu que não canse
De protestar
Tira de lá, tira daqui
E o dinheiro em transe,
Onde é que está?
Ah, meu País
Que tanto amo
Quando é que o teu povo
Vai sossegar?

E no Planalto da esplanada
Acorda, gente!
É uma Zorra!
Nação enganada
Burra e demente
Sai da masmorra
É passe o pente!

Acorda, João

Manoel Oliveira

Acorda, João! Acorda!
O sol já está despontando.
Todos já marcham pra luta,
A fábrica apita chamando.
Caminha a classe operária.
O povo está acordando.

Teus filhos estão com fome,
Pedem por café e pão.
Emprega teus braços magros,
Entrega tuas grossas mãos.
Tens que ir. Mesmo doendo.

Tens vale pra condução?

Mas João não ouvia nada.
Estava petrificado.
Ele trabalhava muito.
Ganhava pouco, o coitado.
Quem matou João? Não sei.
Mas eu estou indignado!

Indignados

Ligia Messina

Ao escritor não deve faltar inspiração
Como se fosse brotar por milagre do fundo do coração
O criador de histórias cria quando tem a alma alegre
E o faz com sofreguidão e febre
Com tantos desmandos e egoísmo deste ser humano
Que busca num futuro insano
A porta para o porvir, mudança
Sem, porém, consegui ver algo de bom nesta andança
De máscara ou sem máscara
De bandeiras de perigo de todas as cores
Nós sempre longe dos nossos amores
Pessoas gritando por liberdade
Outros em camas moribundas esperando a fatalidade
Indignados, sim, pelo egoísmo dos amigos,
dos vizinhos
E ficamos cada vez mais sozinhos
Tontos, desiludidos com esta raça que se chama
humanidade
E sigamos esperando um milagre
Algo que venha e consagre
A vitória sobre as sombras do mal
À espera da paz e da felicidade

Brasil indignado

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

O povo está desesperançoso,
a lei se expressa na violência,
o político é o cheiro de ranço,
a luta é para a sobrevivência!

Cultura é a desvalorização da arte,
educação é a cara da ignorância,
saúde é o desespero do que parte,
a vida é o espelho da ganância!

O respeito é a pura intolerância,
o medo é o companheiro do dia,
a loucura é a dona da circunstância,
a mudança é o jeito que tardia!

O povo está muito desiludido,
a justiça é a própria cegueira,
o respeito é sempre iludido,
a tecnologia vira uma trincheira!

Indignação

Leila Araújo Pereira

Que país é esse
Que não respeita
Seus doentes, desdenha,
De seus cidadãos, armando
A população, tentando
Se eximir de sua obrigação
Que é de fornecer proteção?
Que país é esse,
Que em meio a uma pandemia,
Seu presidente é um completo descrente,
Preocupado apenas com a economia,
Esquecendo que a riqueza do país
É gerada pelos que a ele elegia?
Que país é esse,
Onde a maioria é oprimida
E na inércia permanece,
Fazendo apenas orações e preces?
Levanta nação!
Transforma indignação em ação,
Luta pelos direitos
Que nos garante a nossa Constituição!

Soneto do desengano

Edmilton Bezerra Torres

Oh, Brasil! Nos meus sonhos eu te via
No futuro, como grande nação
Mas tu vives em longa pandemia
Pelo vírus mortal da corrupção

Esse mal te corrói e contagia
A política a cada geração
Vive em ti essa triste anomalia
Como se fosse eterna maldição

Teus poderes tão bem constituídos
Se tornaram iguais nas artimanhas
Com favores promíscuos repartidos

Através de conchavos e barganhas
Hoje estamos descrentes e perdidos
Vendo o mal corroer tuas entranhas

Indignado!

Paulo C Freire

Fome! Como não ficar indignado?!
O que vês neste mundo desalmado?!
Eu vejo o pobre faminto,
implorando por um naco de pão
e ouvindo, por vezes sem fim, um não.
Fome é mal inextinto.

Guerra! Como não ficar indignado?!
Com o mundo todo bestificado,
e pasmo, fitando as TVs.
Bombas, soldados, drones e canhões,
fugitivos em campos e prisões.
Guerra! País sem seus bebês ...

Peste! Como não ficar indignado?!
Nesse vai e vem, em um emaranhado ...
paixões políticas mis,
enquanto a ciência, impotente, assiste
à busca do poder ganho, e resiste
à luta inglória dos vis.

Morte, palavra que tem assombrado.
Gente! Como não ficar indignado?!
Ginetes do apocalipse:
Corcéis da Fome, Guerra, Peste e Morte,
espalhando pelo mundo má sorte,
em cartesiana elipse.

Eu vejo em meu país a fome;
é só visitar os grotões.
Eu vejo em meu país a "guerra"
entre as inúmeras facções.
Eu vejo em meu país a "peste"
SARS-COV, mortos aos montões.
Eu vejo o meu país à morte,
a implorar: Urgem soluções!
Como não ficar indignado?!
Urge mais um inconformado!

Quero ter vez, quero ter voz

Paulo C Freire

Indignado estou, indignados estamos;
mortes, mortes, mortes em profusão.
Dúvidas perpassam, sem distinção;
nesta pandemia, onde parar vamos?

Basta! Não é isto que desejamos.
Quero um novo mundo sem solidão,
onde todos me abracem como irmão.
Odeio o estado em que nos encontramos.

Outros falam, por mim, por ti, por nós,
mas, o que ouvimos já não nos atende.
Queremos voz, soltar a indignação.

Queremos o fim do mundo que prende.
Somos o povo; da indignação a voz.
Somos quem mais deste sofrer entende.

Entreguerras

Luiz Otávio Oliani

*“as palavras de amor não murcham”
Maiakóvski*

em edifícios
chãos de praça
o sangue tomba

escopetas revólveres
fuzis traçantes
perfuram a madrugada

nos dedos
a apatia:
o que fazer?

frente à violência
nada a ser dito

há apenas o olhar
de quem morre
com os próprios mortos

Politicidade

Tchello d'Barros

o político
politicamente
mente

a política
tá etílica
e ética
é titica

o poder
tá podre
a ñ +
poder

Políticos

Leonardo Andrade

Agora taxam livros, no passado quiseram queimá-los
Sufocam e oprimem a cultura, assim é mais fácil enganá-los
Inventam leis e (mais) impostos absurdos
para melhor roubá-los.

Agora são milicianos, fascistas, radicais e poltrões
Antes eram ignorantes, corruptos, mentirosos e ladrões
Todos demagogos e vendedores de falsas
e contraditórias ilusões.

Mudam as peças, mas o jogo continua igual
Sempre o mesmo esquema imperando no final
E o país em queda livre e abissal.

Supremos juízes vendendo-se em mirabolantes sentenças
Falsos pastores escondendo-se atrás de falsas crenças
Na política corrupção
e hipocrisia são as mais contagiosas doenças.

Não há saúde, educação ou um mínimo de respeito
Modificam o que querem para dar o seu próprio jeito
Para ficar rico roubando com salvo conduto, basta ser eleito.

Imunidade parlamentar, benefícios estratosféricos,
muita insanidade
Colocam-se como deuses, acima de todos, criando uma
distorcida realidade

Bandidos eméritos rasgando nossa constituição e acabando com nossa liberdade.

Pessoas morrendo de pandemia, caos na economia e eles só pensando em eleição

É preciso manter a linha sequencial da infinita e institucionalizada corrupção

Toda verba imensa e injustificável de campanha já tem a sua distorcida destinação.

Vocês me dão nojo, vergonha, revolta e asco

Como seres humanos são um lamentável fiasco

Deviam ser todos atirados do mais alto penhasco.

Born in the 60's

André Giusti

Os caras escrotos da minha geração
cortam a cidade em suas motos
retrô moderninhas esporrentas
mais caras que um apartamento
se achando garotões
do tipão rebeldinho
on the road
sem destino
born to be wild
posando de
sem regras e anticonvencionais.
Moto é liberdade! Tatuaram a frase
Desde que a liberdade seja a deles
para os iguais a eles
nada de liberdade
a quem seja diferente
a quem seja anticonvencionalmente
contrário às convenções
dos escrotos da minha geração.
Cor diferente
classe diferente
e quem beija dá a mão deita diferente deles
não passam no crivo de liberdade
dos escrotos
da minha geração,
nada nem ninguém que não seja rebeldemente
adequado à rebeldia adequada deles.

Os escrotos da minha geração cantavam
'somos os filhos da revolução'
leram Marcelo Rubens Paiva
souberam inglês com as letras do Bono
estavam na Candelária em 84,
mas era pra pegar mulherzinha
descolar um béqui,
agora se vê que era pra isso.
Os escrotos da minha geração
tinham um colega que o tio sumiu na caçapa da
Veraneio
namorada com um irmão mais velho
que enlouqueceu nos porões
e um professor bacana de história
que ficou 10 anos fora do país.
Mereceram, né? Foi um mal necessário
capaz de dizerem hoje em dia
os escrotos da minha geração
perguntando o que fazer agora
com os discos do Pink Floyd,
sonhando ter uma arma no porta-luvas
e estourar os miolos do primeiro
que entrar na frente do seu jipão inglês.

Coisas que acontecem

Adriana Barbosa do Carmo

Quantas vezes em tantos momentos prostrados em filas...
Intermináveis!

De todos os tipos, para inúmeras situações e atividades de
rotinas sociais...

Quantas vezes o cansaço de ouvir as mesmas desculpas
A nos consumir paciência e tempo...
Quantas vezes a espera de algo ou alguém
Que por ventura não chega, não vem,
Não cumprindo horários, palavras e acordos...

Valores invertidos
Consumindo-nos
Roubando a cena

Frustração invadindo a mente
E tanta gente carente de condições humanas
Fomentada pela situação

Deixando indignados, aqueles que buscam justos
conselhos, anseios, ações...
Indignados de tantas injustiças, premissas,
des(h)umanidade.

Trem da história

“Nato” Azevedo

Lá vem o trem
contando a nossa história
de miséria e fome.
Lá vem o trem
trazendo a escória
de mulheres e homens.

Lá vem o trem
de um povo sem memória
e que só bebe e come.
Lá vem o trem
de raça muito inglória
sem fé nem sobrenome.

Lá vem o trem
de um povo sem futuro,
que vive no escuro
sem a luz da esperança.
Lá vem o trem
do país dos sem sonhos,
povo burro e risonho,
feliz na mendicância.

Desflorando

Lúcia Eneida Ferreira Moreira

O homem, na avidez da ganância,
Passa por rios dantes navegados
Focinhando a mata virgem
Destilando seu veneno
Desflorando sonhos
A região arde em brasa.
Inóspita
Animais castigados pedem socorro
Tuiuiú, garça, iguana, jupará
Gavião, ariranha, coruja e tamanduá
Jacaré, jaguatirica, paca, jabuti
Anta, veado, onça e quati
Habitat destruído
Flora e fauna agonizam em chamas
Corpos ao chão
A chuva de cinzas sombreia a estrada
Serenando anseios e inquietudes.
Percorrendo recônditos caminhos
A noite surge enluarando.

Chove lá fora

Simone Rohrig

Estamos há séculos esperando o sol brilhar,
Chove lá fora, e não há mais como suportar.
Racismo, homofobia, machismo, feminicídio,
Chove lá fora, mas chuva tem que cessar.
Não podemos tolerar, tanta discriminação,
Meu gênero, minha etnia,
não deve trazer preocupação,
Se nasci menininha e hoje sou menino,
Branco, negro, índio, gordo, magro
O que sou, não tem importância não,
Afinal, sou igual a você, um cidadão.

Pescadora de ilusão

Lin Quintino

Neste mundo de ilusão
Sou pescadora de amor
Pescando em solidão

Vivendo por viver
Sonhando melhores dias
Menos violência e covardia

Abrir pela manhã à porta
Ver um mundo recheado
De sorrisos, sem armas e bandidos

Andarem solto os passos
Nos caminhos num ir
E voltar tranquilo

Sem ter ao lado o medo
De não voltar pra casa seguro
E pela manhã recomeçar
Vivendo num mundo sem muro

Me impediram!

Magno Charrua (Carlos Magno da Rosa Vivian)

Me impediram de dizer o que pensava,
me impediram pela tal autocracia...
E criei forças e bradei pelas diretas!
Força secreta – indireta - me vendia.
Mas apesar dos distintos interesses,
podres poderes nunca ficam separados,
me encerraram numa sala em sabatina e,
com a beleza das gravatas na retina,
me fiz refém, com orgulho de informado!

Assim, aos poucos, me tornei cidadão surdo
neste pungir de gozar meu livre arbítrio.
Dando risadas dos islâmicos, dos curdos...
Segui sambando no silêncio dos apitos!
Como bom-bamba, crendo ter passo mais belo,
embebecido pelos tais anos dourados,
tornei-me frio aos valores do passado,
fui envolvido numa lã que não dá velo!

Ah... Me impediram!
Me impediram de pensar o que eu digo,
me impediram pela tal democracia!
Fiz do meu voto um poder centralizado,
num ritual de total demagogia.

Na defesa de estranhos interesses
os poderes se aliam com certeza!

Me encerraram numa sala de gravatas,
Com decoros me encheram de bravatas
e...
Me impediram!
Me impediram pelo medo da grandeza!

Debruçada sobre a América do Sul

Marisa Burigo

Braços cruzados é o que vejo
esguia cabeça
rei, pensas que és.
De que dia?
De que gente?
Ao percorrer-te
vejo pernas que se afunilam
patas de boi seriam?
Bem no Sul
no teu fim
Não és rei de lugar algum
És apenas mais um
Brasil!

O pensador

Celso Corrêa de Freitas

Penso, penso
Quando perco o rumo
Penso tenso
Quando acerto o prumo
Penso rápido
Quando chego ao centro
Penso ativo
Quando acho o ponto
Penso intenso
Quando pensador me encontro
Desperto atento

Inocente

Celso Corrêa de Freitas

Corra, porra
A polícia vem aí
Tem cheiro
De pólvora no ar
Um inocente
Espera o rabecão chegar
Tombou reto
Morreu sem poder reclamar
Chora família
Quem matou por certo
Conhece Brasília.

Pinheiros e crianças

(Versão para o Natal)

Celso Corrêa de Freitas

Crianças brincando à vontade
a sombra de um Pinheiro
são retratos verdadeiros
do que é felicidade.

Crianças construindo castelos
espalhando artes pelo chão
trazem à vida sementes
adormecidas no coração.

De alguém que esqueceu
aquele seu belo Pinheiro
que depois de tantos anos
só o tempo envelheceu.

Esse tempo é seu, amigo
parceiro dos sonhos seus
volte então a ser criança
e construa!
um mundo novo
à sombra da mão de Deus.

É só uma gripezinha

Eduardo Amaro

Dias atuais.
Dias estranhos.
Dias anormais.

Pela janela, ouço o canto
do impertinente curiango
que a noite não deixa dormir
sem desalento.

Pela mente, ouço os lamentos
dos aflitos moribundos
que a vida não deixa partir
sem sofrimento.

O vírus esmaga o corpo e o pensamento!

A maldade e o descaso
correm na retaguarda,
contando vencidos sem parar.

Os corpos, de punhos fechados
e lábios inchados,
procuram o momento exato
para deixarem de lutar,
enquanto na televisão,
do mais alto escalão,
lábios balbuciam imbecilidades...
Para toda a nação!

Fúria

Laura Silva de Souza

Eu vi um pouco de ternura
Foi teu olhar me enganando
Desviei meu rosto da mão
Que veio pro meu marcando.

Pensei que era somente
Uma brincadeira inocente
Pedi que me soltasse um pouco.
Pois sentia-me sufocada, corpo, cabeça e mente.

Mas tu chegaste com fúria
Quebrando o prato de comida
Nem viu meu vestido novo
Segurei uma lágrima escondida

Não dava para escapar
Sentia-me enfraquecida
E naquela madrugada
Quase tirou-me a vida

Meu choro até adormecer
E te observar roncar dormindo
Deixava sem vontade de sair da cama.
De acordar num dia lindo

Eu fui mudando a história
Começando um novo caminho.
Meus sonhos, voltei a sonhar
Chegou um amor verdadeiro
Me retirando, todos espinhos.

Hate

Marcus Hemerly

Alguns sentimentos ressoam
na conscientização de que iremos morrer;
hoje, amanhã, ou talvez, já morreremos.
Num passado, presente ou futuro.

O que é o tempo? Não quero uma
resposta. Nem toda pergunta demanda
réplica, mas toda resposta desperta indagação.
Um amor, uma dor, o desejo.

Sim, o tempo passou e o presente
é passado, e não nos foi concedida
a promessa. Decepção como sinônimo
de existência, apetece um coração rochoso.

O silêncio não afaga a dor; a solidão dá azo
às feições iracundas da insensibilidade. Melhor
seria a negação como conforto covarde. Melhor seria...
o cerrar de olhos voluntário. Seria.

E nós, enfim quem somos? Humanos?

Isi Caruso

Andarilhos de outras eras
de outros mundos errantes.
Nos cremos deuses,
quicá maiores que Ele?
Destruidores da natureza,
mesmo sendo parte dela.
Lavramos nossa ira
em sulcos de mazelas,
guerras de ódio,
desprezo e hipocrisia.
Destruidores de beleza,
inocência e fantasia.
Fomos degredados,
nos cremos grandes
e para o abismo rumamos.
Sem nada saber de amor,
amarguras ruminamos.
Sucumbindo cegos
ao mesmo caos de onde saímos.
Confusos de grandeza
plantamos trevas
queremos brilho.
Semeamos ervas
desejando trigo.

Procu-ro-te, justiça!

Adriana Pavani

Justiça!
Onde estás que não te vejo?
Onde moras,
que não te encontro?
Oh! Justiça, procuro-te...
Procu-ro-te por toda parte,
Por todos os lados.
Procu-ro-te, procuro-te, procuro-te...
Onde estás?
Estás nas leis?
Mas, as leis, às vezes são tão injustas!
Isso contraria-te a natureza!
Ah! Então estarás tu na cabeça dos magistrados?
Talvez, porém... há magistrados
que se revelam tão arbitrários!
Onde, estarás, então?
Já sei!
Tu deves estar no coração de cada homem.
Mas como, se os homens são tão imperfeitos?
Sim, imperfeitos, mas cada homem procura
a perfeição - a meta da humanidade é a perfeição.
Se tu, Justiça, estás na perfeição,
só seremos justos quando formos perfeitos
E só seremos perfeitos
quando formos realmente justos.
Oh! Justiça! Agora que sei onde tu moras,
Procurarei a perfeição e sei que,
quando encontrá-la,
Encontrar-te-ei também!

Viço

Rosana Batista Almeida

Não enviamos mais cartas, nem olhamos nos olhos.
Nem talvez paremos para escutar alguém.
O celular tomou o lugar da agenda
e os aplicativos parecem satisfazer nossos desejos.
Estamos mais breves e impacientes.
A comunicação tornou-se mais telegráfica.
Os muros tornaram-se escondidos,
mas extremamente fortes.
As pessoas, cada vez mais, estão dentro de lugares,
sem pontes, sem links.
E, ao contrário do que se pensa, vão se estocando
murmúrios, dores, gritos, silêncio e rostos risonhos.
Na formatação, cabem poucos arco-íris,
poucas variações e intervalos.
O mundo vai se tornando dicromado.
O vento não mais desenha seu caminho todo.
Nas prisões, por ora, não existem mais grades
nem réstia de sol.
As valas permanecem sob os rios,
matando o ecossistema do ser.
E, como sombra afastada da essência, vai se despetalando,
perdendo o viço dos olhos.
Esse, ó Deus, já não se vê – esconde-se
nos interstícios das redes,
fingindo-se de gente (e de vida).

Afinal, o fim

Adilson Roberto Gonçalves

A inexorável finitude da vida, enfim
chega para oxidáveis processos de decomposição
quando todas outras moléculas virarão
e da sopa cósmica, outros corpos e vida

A vida é troca de energia e matéria
coisa séria tomada a esmo
mas de valor chinfrim, termina rápido;
não há outra coisa que conhecemos.

Terminado o processo, nada resta, o que é bom
ficam memórias de privilegiados que seus poemas escreveram
em pedaços digitais da nuvem cibernética
e que ninguém vai ler.

Fim, apenas isso que resta.

Transfundir-se

Adilson Roberto Gonçalves

Pedaço do amor que constrói
foi posto em liberdade
e triunfa além da morte, além do pranto.

Algo sobrevive, pois, nessa angústia da existência,
que não sou mais eu, nem ninguém,
apenas algo além da consciência.

“Recebo em casa um amigo
que compartilha meu sonho,
pois sem ele não consigo
saber ao que me disponho.”

Windows

Maiara Amaral

A menina que se debruça, sobre o peito da janela
Assiste à rua, assiste à vida que passa lá fora
Fora da sua casa, fora do seu quarto, fora da sua vida,
fora dos seus pensamentos.
Assiste as atividades alheias de seus vizinhos,
conhecidos, desconhecidos,
alguns visitantes, forasteiros, outros do cotidiano de sua
vivência.
E se pergunta, qual é o seu papel, naquele lugar?
Essa reflexão se prolonga e interioriza.
Qual o seu papel no seu quarto?
Na sua casa? No seu bairro?
Na sua cidade e sociedade?
De repente, de um dia para o outro tudo mudou.
A menina não saia mais para fazer parte daquela sociedade.
Os rostos que ela conhecia,
já não tinham tanta identificação,
estavam cobertos por máscaras.
E quando não máscaras, uma mistura de tristeza,
dúvida e insatisfação.
Os assuntos, já não precisava muito abordar,
pois apenas o mesmo continuava a rodar.
Sua vida, agora era limitada em um mundo tecnológico,
sem fronteiras.
O que era proibido, passou a ser obrigação,
e o que antes se proibia, já nem mais existia.
Assim como um botão que se gira, uma tecla que se aperta,

uma nova porta estava aberta.
Mas não era aquela, que à levava para a rua.
E a rua passou a ser uma simples visão da janela, fosse a da
casa ou a da tela.

Para mim, chega

Gargione Avila

Nem reza pode arribar
a pátria verde e amarela
a peste se agarrou nela
e não há jeito de largar,
ta difícil de aguentar
o desmando organizado
o povo anda embodocado
sofrenando a rebeldia
porque essa democracia
contempla só os afilhados

Regimes não são meu forte
nem mesmo pra emagrecer,
o campo me viu crescer
e me deu todo o suporte
pra que eu peleasse com a sorte
sem usar mango nem faca
mas um taura até se empaca
e fica de lombo inchado
vendo um bando de safados
mexendo na sua guaiaca.

Há uma fonte que despeja
aproveitando a situação
um partido por reunião
como as duplas sertanejas,
a prata escusa goteja
nas contas dos figurões
e o fruto das transações
num relance criam asas

pra ir de muda pras casas
dos corruptos e ladrões.

E o dinheiro pra saúde
segurança e educação
num upa troca de mão
e não tem santo que ajude,
o roubo em sua plenitude
leva o meu país à breca
porque não são só merrecas
são bolsas e malas cheias
sai até dentro de meias
e em fundilhos de cuecas.

Os três itens principais
que pregam aos quatro ventos
caem logo no esquecimento
já não são mais essenciais,
é que aqui se preza mais
é o aparato que ensina,
com mestres em cada esquina
ou em luxuosos salões
como se faz divisões
de doações e propinas.

Assaltam a nossa nação
sempre de caras risonhas
perderam toda a vergonha
e o censo de retidão,
só querem molhar a mão

na inesgotável vertente,
sempre se dizem inocentes
vítimas dos noticiários
e vão sugando os salários
que é o próprio suor da gente.

Metade dos brasileiros
ganha a vida honestamente
se desgasta no batente
produzindo pra terceiros,
peleiam anos inteiros
sem se queixar da jornada,
pagando a mula roubada
na conta que não é deles
pra encher o bolso daqueles
que vivem sem fazer nada.

Outro dia eu escutei
que uma tal de lava a jato
molhou um lote de gatos
destes dos quais já falei,
mas é uma pena que a lei
vez por outra perca o tino
e solte um bicho malino
sem aparar nem a cola
porque tem poucas gaiolas
pra predadores “granfinos”

Dos países mais letrados
compramos refinarias
e outras quinquilharias
como tanques reformados,
tudo bem valorizado
que o comerciante é careiro,
é que um produto estrangeiro
quando não tem mais valia

ganha a outra serventia
que é a lavagem de dinheiro.
Eu e milhões de eleitores
pensamos que o simples fato
de se mudar um retrato
traria novos valores,
que tudo seriam flores
e mudaria a realidade,
mas o problema em verdade
não é o que vai na moldura
o que derruba a estrutura
é a falta de honestidade.

E enjoado com essas trapaças
que causam miséria e dor
peguei o título de eleitor
e dei como boia pras traças,
não foi pra fazer pirraças
foi talvez por lealdade,
não quero que a sociedade
assista aos seus escolhidos
se transformarem em
bandidos
com a minha cumplicidade.

Quem vai me fazer costado
é o voto facultativo
vou tirar o pé do “estrivo”
só por respeito ao passado,
não quero deixar de lado
meus princípios e ideais,
tem erros que são fatais
e pra não me arrepender
se não tem bons pra escolher
em maulas não voto mais.

Ser humano mau!

Marcelino Carvalho

O ser humano nasce, cresce e se desenvolve
Fica inteligente e se acha o tal
Esquece preceitos, acha-se autossuficiente
Pede respeito e não os dá!
Até aí, tudo bem,
É um ser que se diz humano, cheio de falhas.
Agora, quando quer ou querem ser Deus, tudo muda!
A partir daí, sua queda será inevitável.
Deus é misericordioso e entende,
mas não os perde de vista.
Sabe que ele não irá parar e quer mais.
Daí, os sinais começam a aparecerem!
E Deus se manifesta, mostrando que Ele é Deus,
Foi Ele que te deu a vida, a condição de crescer,
a inteligência,
Até a condição da sua autossuficiência, mas não o fez Deus.
Eu sou o dono de tudo, inclusive, de você!
Já o teu mal, a tua ambição, o teu egoísmo,
Você buscou, pois não me ouviste!
Dei a você vida, fiz-lhe filho Meu, imagem e semelhança,
Portanto, bom.
Sou Pai, darei a chance da reconciliação Comigo!
Sou Deus, se ache, estarei sempre aqui, caso queira!
Caso não, o seu destino você optou.
As consequências, aguento,
Lembre-se aqui, Deus sou Eu!

Indignados

Fernando Matos

O comportamento humano é bem complexo
Ficamos perplexos com algumas atitudes
As virtudes ficaram perdidas na história
A memória não guarda grandes aprimoramentos.

Na dor estamos aprendendo fortes ensinamentos.
Ficamos indignados com as atrocidades humanas
Tudo que a humanidade almeja são rendimentos
Ainda nos consideramos uma raça soberana.

A revolta tem um caráter bem generalizado
A evolução se dá através de um bom discernimento
Na certeza ainda que talvez venhamos ser humanizados
É necessário aptidão mental para um global entendimento.

Essa política me dá nojo

Leonardo Andrade

Nesse mundo, com o que é dito são, eu prefiro ser louco
Tenho absoluta convicção de que tudo que sei é muito pouco
Declamarei meus poemas em anfiteatros vazios até ficar rouco.

Pessoas polarizadas lutando por bandidos exatamente iguais
Políticos simulando representar o povo e roubando cada vez mais
Preconceitos, discriminações e mentiras massacrando a paz.

Falsos salvadores da pátria mascarando erros antigos
Supremos juízes legislando para si e nos colocando em perigos
Pessoas públicas totalmente incapazes de ver
além de seus umbigos.

O tempo passa e só maquam as mesmas peças ultrapassadas
Perpetuam-se no poder com suas falcatruas institucionalizadas
Pseudo esquerda, radical direita, centrão, aberrações erradas.

Prefiro ser louco, fazer poesia e tentar ser melhor todo dia
A arte, assim como o Amor, me basta e integralmente me sacia
Esse mundo político me dá nojo, parlamentares me dão alergia.

Travessias

Rita Queiroz

Tantas realidades me atravessam:
A criança que chora de fome,
A mãe que sofre porque não tem o que dar,
O pai que agride sem motivo,
A embriaguez que cega os sentidos.

Tantas realidades me atravessam:
A dor da mulher estuprada,
A frustração dos sonhos perdidos,
A vida que se esvai na calçada,
O racismo perverso que constrói abismos.

Tantas realidades me atravessam:
As lágrimas dos sírios,
As pipas sem caçadores,
O código que não foi vencido,
As florestas que sangram por um fio.

Tantas realidades me atravessam:
A perda do filho,
A bala que não é perdida,
A arrogância desmedida,
A ganância assassina.

Tantas realidades me atravessam:
A esperança sempre bate à porta,
Novos amanheceres ensolarados,
A onda que vai e vem,
Outros encontros floreando o destino.

Quem somos

Adilson Roberto Gonçalves - Pesquisador da Unesp-Rio Claro, membro da Academia de Letras de Lorena, da Academia Campineira de Letras e Artes e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. Possui expressão em prosa e verso publicada em antologias e um livro somente de poemas (O eu e o outro, 2016). Escreve regularmente artigos de opinião em jornais do interior paulista e mantém o Blog dos Três Parágrafos. Publicou em 2017 o livro de crônicas sobre ciência, tecnologia, ambiente e educação "Transformações da terra das goiabeiras".

Adriana Barbosa do Carmo - Pedagoga e pós-graduada em Administração Escolar e Planejamento Educacional. Amante das artes, encontrou nas telas que pinta e na literatura poética o encantamento e leveza para o espírito. Busca fazer amizades e levar o prazer da poesia para os leitores. Participou de 16 Antologias Poéticas, integra o Projeto Artes e Serenata de Olinda é Membro Efetivo da UBT, SPVO e ACILBRAS.

Adriana Pavani - Paulistana, atualmente mora em Barra Bonita, interior do Estado. Tem trabalhos publicados em várias antologias poéticas. Possui dois livros de poesias publicados: "Do caos à poesia" (Ed. Pragmatha, 2010) e "Os Girassóis voltaram a sorrir". É membro da International Writers Association) e acadêmica correspondente da ALPAS 21 (Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências "A Palavra do Século 21).

André Giusti - Nasceu em maio de 1968 na cidade do Rio de Janeiro, e mora em Brasília desde o final dos anos 90. Tem oito livros publicados entre contos, crônicas e poemas. Os mais recentes são Os Filmes em que Morremos de Amor e A Maturidade Angustiada. Atualmente trabalha em seu primeiro romance. Também é jornalista.

Angeli Rose - Carioca, geminiana, gosta de conversar e trocar experiências, além de observar as ações e os temperamentos humanos. É docente de Literatura Brasileira e Teoria literária. Doutora em Letras; Especialista em Jornalismo Cultural, Phd em Educação. É membro de diversas academias de Letras, Artes e Ciências nacionais e internacionais, tem sido agraciada com títulos honoríficos e prêmios por seu ativismo cultural em torno do "direito à Literatura" e à arte. É coordenadora do Coletivo Mulheres Artistas. E é autora de Biografia não Autorizada de uma Mulher Pancada, infanto-juvenil.

Arlindo Almeida Júnior - Poeta, letrista de música nativista, aposentado, artesão de versos e aço...

Carlos Magno da Rosa Vivian - Nascido em Caçapava do Sul, RS, neto de pequenos agricultores e filho de mecânico e de professora, seu gosto pela poesia veio através de leituras de poetas de Caçapava que escreviam sobre a cidade. Isso o levou a ler mais e escrever seu telurismo também. Aos 16 anos começou a tocar violão e criar melodias para algumas escritas. Com o decorrer do tempo passou a ler mais estudar poética. Assim sigo... sempre buscando aprender mais e repassando suas experiências e anseios para a escrita.

Celso Corrêa de Freitas - Nascido em Itaperuna, RJ, aos 26 de agosto de 1954. Reside em Praia Grande / SP desde fevereiro de 1996. Fluminense de nascimento, Flamengo de coração, carioca

por merecimento, itaperunense com paixão, paulista por opção e praiagrandense por destino. Criador da estrutura poética chamada overtrip. "Não penso nas vezes que tento ter o meu propósito aceito por todos. Penso sempre nos resultados que as minhas ideias, palavras e pensamentos provocam no coração daquele que as absorve e as pratica, a qualquer tempo.

Cílio Lindemberg - Paraibano, natural de Campina Grande – PB. Tem formação em Letras – Inglês e atua como escritor, tradutor e poeta. Interessa-se pela leitura de romances, contos e poemas, bem como pela escrita de suas próprias histórias e poesias. Aprecia filmes, desenhos animados e séries, sobretudo de mistério, além de música internacional. Ama estudar e praticar línguas estrangeiras, por exemplo, inglês, espanhol, francês e chinês.

Claudia Gomes - Natural de Salvador, BA, radicada em Feira de Santana. Doutoranda, professora, escritora e poeta. Publicou *Catadora de Versos*, *Condado Poético*, *A Mulher e a Rosa* e outros poemas de amor, *Malu: a bailarinas das águas* e em várias antologias como *Cadernos Negros 39*, *Gotas Poéticas*, *Mulher Poesia 2, 3 e 4*, *Kama: poemas e contos eróticos 1 e 2*, *Livro Diário do Escritor*, *Minicontos para a criança eu há em você*, *Mulher: poesia absoluta*, *Nas teias de Eros*, *O Construtor de Amigos*, *O silêncio das palavras*, *Pétalas do coração*, *Poemas do Coração I e II*, *Poesia de Botão dentre outras*, *Poetas pela Paz 1 e 2*, *Arautos da Literatura Brasileira* etc. Participa de academias literárias.

Edmilton Bezerra Torres - Pernambucano de Pesqueira, nasceu em 07 de julho de 1955. Graduado em Administração de Empresas pela UFPE e aposentado como gerente da Caixa Econômica Federal. É sócio fundador da ASPEL - Associação Pesqueirense de Literatura. Participou de diversas antologias de contos e de poesias e lançou dois livros solo de poesias.

Eduardo Amaro - Escritor e professor adjunto da UFRR. Atua na área de Língua Latina, Filologia e Literatura Portuguesa. Especialista em História da Ópera, Doutor pela mesma universidade e Pós-Doutor. Camonista, mitólogo, latinista e crítico literário, estuda a construção do ethos por meio da Literatura, sob a égide da teoria bakhtiniana, junguiana e sociológica.

Fernando Matos - Mora em Recife/PE, Relações Públicas, Enfermeiro pós-graduado em Enfermagem Obstétrica. Doutor Honoris Causa em Arte e Poesia, Título Recebido pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos (Patrimônio Histórico e Cultural da Augustíssima e Soberana Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente); Embaixador da Paz, Delegado Cultural e Comendador da Justiça de Paz pela OMDDH (Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos). Pernambuco das artes é ator, escritor/poeta, e membro de diversas academias literárias.

Gargione Oscar Oliveira de Ávila - Natural de Pinheiro Machado, nascido em 5 de novembro de 1946. Reside em Rio Grande. Possui troféus por poesias e músicas classificadas e premiadas em diversos festivais. Possui poesias publicadas em Antologias Poéticas: São Pedro do Sul, Lourenço do Sul, Coletânea Poética Jornal do Nativismo. CDs de poesia: Pra Hora do Mate e Cruzando Cancelas. Sócio da Estância da Poesia Crioula do RS, onde atualmente é delegado regional em Rio Grande, e membro da Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana.

Lin Quintino - Mineira de Belo Horizonte, professora, psicóloga, escritora e poeta. Autora de 13 livros de poemas e um livro infantil. Participa de várias academias nacionais e internacionais.

Giovana Cristina Schneider - Nascida em Vitória/ES, reside em Marechal Floriano, região serrana do mesmo estado. Encontrou

na escrita um refúgio, tem alguns livros publicados, participa sempre de antologias de contos e de poesias, tendo feito o curso de fundamentos do jornalismo para melhor se aprimorar.

Graziela Barduco - Multiartista brasileira e mestre em Artes da Cena. É atriz, diretora, escritora, cantora, arte-educadora e editora de vídeo, bem como autora dos livros "Na Rima da Menina" e "Lutei Contra 100 Leões - Todos os 100 eram Jumentos". Participa dos coletivos Teodoras do Cordel e Mulherio das Letras, além de ocupar a cadeira 185 da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências Alpas 21. No momento está em fase de finalização de seu livro infantil "A Menina e o Pé", adaptação da dramaturgia do espetáculo homônimo de sua cia. teatral.

Isiara Mieres Caruso - IsiCaruso é natural de Porto Alegre (RS). Especialista em Ensino à Distância (EAD) e em Psicopedagogia. Cursa Especialização em Literatura Infantil e Juvenil: da Composição à Educação Literária. Atua como escritora, poeta, artista plástica, narradora e realizadora de oficinas em: Narração oral e poesia (para adultos e crianças). Participa de 21 coletâneas brasileiras e internacionais. Possui livros individuais auto publicados: Gato e sapato, poesia infantil, e Cocorotti, ficção para crianças. Ocupa a Cadeira 10 da Academia Internacional Poetrix.

Jania Souza - Nasceu e reside em Natal/RN; é poeta, artista plástica e escritora; publica literatura infantil, poemas, contos e crônicas; participa em entidades literárias nacionais e internacionais com prêmios de reconhecimento. Vice-presidente da União Brasileira de Escritores - UBE, seccional RN de 2019 a 2021 - Seu mais novo livro de poemas "Flores, laranja, pimenta, raízes em andanças".

Karin Tallini - Natural de em Lajeado - RS, doutora em Ciências - Ecologia, professora do Instituto de Educação Ciência e Tecno-

logia do IFRS - campus Porto Alegre, pesquisadora na áreas de biossegurança e ciências. Mãe, esposa e iniciante na poesia, mas adora o amor, as energias e as pessoas. Aprender e estudar no dia a dia, com as pessoas. “É o que me faz viva e é o que alimenta as minhas poesias”

Laura Silva de Souza - Empresária, e Acadêmica de Pedagogia. Mora em Santo Antônio da Patrulha / RS. Escreveu sempre - sua forma de contar para o papel tudo que estava sofrendo. “Nunca pensei em publicar, pois morria de vergonha e me sentia culpada por sofrer e perder até a força de pedir ajuda, decorrência de quatorze anos de um relacionamento com todos os tipos de violência. Mas encontrei o amor e venci tudo. Descobri que amor, é paz e não sofrimentos.”

Leila Araújo Pereira - Brasileira e soteropolitana. Licenciada em História, especialista em Cultura afro-brasileira e indígena. Poetisa, escritora, desenhista e professora. É poetisa desde 1996, tem algumas publicações em antologias, blogs e redes sociais. Amante da vida, das artes, literatura, desenhos, pinturas e música.

Leonardo Andrade – “Sou um ser em permanente construção. Procuo explorar cada vez mais o universo e suas inúmeras possibilidades. Vago entre seres, astros, marés, luas e ruas, sempre buscando aquele algo mais. Escrevo por não conseguir conter as palavras, elas precisam ganhar o mundo e alcançar a quem se destinam. Sou um mero instrumento, um facilitador, um intermediário, sempre com um pé na partida e outro na linha de chegada. Sou um pouco de tudo e muito de nada.”

Ligia Messina - Gaúcha, viúva, 74 anos, pedagoga, autora de várias obras entre poesias, prosa e infanto juvenil.

Lin Quintino - Mineira de Belo Horizonte, professora, psicóloga, escritora e poeta. Autora de 13 livros de poemas e um livro infantil. Participa de várias academias nacionais e internacionais.

Lúcia Eneida Ferreira Moreira - Escritora, poetisa e professora, nascida em Natal/RN. Escreveu os seguintes livros: “Confissões em prosa & versos”; e “Maria Queiroz Baía – exemplo de superação e luta contra o preconceito”. Participou como coautora de diversas antologias e coletâneas. É membro da ALAMP – Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguaras, da SPVA – Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do RN e da UBE/RN – União Brasileira de Escritores/ RN.

Luiz Otávio Oliani – cursou Letras e Direito. É professor e escritor. Em 2017, a convite de Mariza Sorriso, representou o Brasil no IV EPLP em Lisboa. Participa de mais de 200 livros coletivos. Consta em mais de 600 jornais, revistas e alternativos. Recebeu mais de 100 prêmios. Teve textos traduzidos para inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, holandês e chinês. Publicou 14 livros: 10 de poemas, 3 peças de teatro e o livro de contos “A vida sem disfarces”, Prêmio Nelson Rodrigues, UBE/RJ, 2019. Recebeu o título de “Melhor Autor Apperjiano 2019” pelo conjunto da obra.

Mara Carvalho Leite - Natural de Palmeiras (BA), é tradutora-intérprete e poetisa. Tem dois livros de poesias publicados: Borboletas ao Vento e Mar Revolto. Participa do Caderno Literário da Pragmatha desde 2010. Mora atualmente em Santa Catarina.

Maiara Almeida Amaral - Terapeuta holística, trabalha com Reiki e Fitoterapia, filósofa. “A paixão pela literatura nasceu muito cedo em mim, ainda quando criança, e a influência de opiniões políticas sempre foi muito presentes em minha casa. Desta forma dividindo minhas escolhas de temas entre sociedade e terapias alternativas que ao final se encontram e se mesclam, e hoje compreendo que a filosofia vem me ajudar a compreender e trabalhar em multiáreas na minha vida”. Residente em Estrela / RS, atuo como terapeuta holística, massagista, produzo sabonetes naturais com a fitoterapia, e se dedico a escrever prosas, poemas e artigos

filosóficos e sociais de forma que possa refletir e compreender a vida, e desta maneira compartilhar com todos que possa alcançar.

Marcelino Carvalho de Brito – Administrador de empresas, gestor de recursos humanos, escritor contista e poeta. Nasceu no dia 17 de abril de 1963 no povoado da Ipojuca, cidade de Arcoverde, Sertão do Estado de Pernambuco. Casado com Silvana, tem três filhos, Kyara Karynne, Marcelino Filho e Mariana Calheiros, e cinco netos. Formado em Gestão de Marketing de Varejo com especialização em Gestão de Recursos Humanos.

Maria Silva - Filha de Luiz Pinto da Silva e Amália Flores. Nasceu em 12/06/1964 em Inajá / Paraná. Escreve poesia desde criança. Participou de algumas antologias nos últimos anos. Sonha em publicar minhas poesias em livros.

Marilu F Queiroz - Publicitária, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Associada REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras. Aquarelista e escritora. Tem textos em antologias, livro de contos, didático, dissertação sobre arte e revistas no Brasil, Alemanha, França, Marrocos e Suíça.

Mario Antônio Barcelos - Patrulhense da localidade de Chicolomã, autônomo na área da Contabilidade, é membro-fundador do IHGSAP, escreve e participa da diretoria do Grêmio Literário Patrulhense, bem como das antologias do Parthenon Literário de P. Alegre e Poesia Livre, da cidade pernambucana de Cabedelo. Possui textos em jornais locais.

Marcus Hemerly - Nasceu em Cachoeiro de Itapemirim/ES, em 1989. Formado em Direito, é autor da obra "Verso e Prosa: Excertos de Acertos" e coautor em antologias poéticas e de contos, gravitando em torno do terror e policial. Membro de academias literárias, recebeu prêmios e comendas. É Doutor Honoris Causa

em Literatura e Cavaleiro Comendador da Soberana Ordem da Coroa de Gotland, conferida pela Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente.

Manoel Jozenias de Oliveira - Residente em Quixadá - CE é professor da rede estadual de ensino, exercendo a função de coordenador escolar na EEM Gov. Luiz Gonzaga da Fonseca Mota. Licenciado em pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará / Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC, desde a graduação utiliza a literatura de cordel em sua prática pedagógica, tanto em sala de aula com os estudantes, como subsidiando os processos de formação continuada de professores, através do Projeto Educordel: educação como ação e reflexão e(m) literatura de cordel.

Maria Benigna Jacó Lima Samselski - Nome Artístico: Benigna Samselski. Brasileira, natural de Russas/CE. Nasceu em 25/04/1960 e reside em Belém/PA. Participações Literárias no Brasil: IV, V e VI Anuário da Poesia Paraense; IV Anuário da Poesia Brasileira Contemporânea; "Panorama Literário brasileiro", ambos no mesmo ano pela CBJE / Litteraria Academiae Lima Barreto, além, do "Livro de ouro da poesia brasileira contemporânea". Atuação fora do Brasil: "Mil Poemas pela Paz e Felicidade da Humanidade" e "Un susurro al oído".

Marisa Burigo - Natural de Lages-SC, residente em Porto Alegre-RS. Advogada e Escritora. Dois livros solo publicados (Particularidades e Fragmentos de Uma Alma), diversos textos em periódicos e participação em diversas Coletâneas. Membro do Centro de Escritores Lourencianos- São Lourenço do Sul - e Academia de Letras do Brasil – Seção Porto Alegre – RS

"Nato" Azevedo - Carioca de 1952, o autor é poeta desde os 15 anos e contista / cronista desde 1988. Está em mais de 15 antolo-

gias, mas não tem ainda obra publicada. Mantém espaço no Recanto das Letras, com mais de 990 textos e quase 20 mil leituras.

Paulo C Freire (Paulo da Cruz Freire dos Santos) - Natural de Água Branca / AL e reside em Maceió / AL. É graduado em Administração, área em que obteve também o título de mestre. Tem doutorado em Engenharia de Produção. Atuou como professor e pesquisador na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) ensinando Empreendedorismo e Pesquisa de Mercado. Publicou “Nas Águas dos Sonhos” (poesias) e “Uma Santa Devoção” (cordel). Atualmente está aposentado como professor. Tem diversos trabalhos publicados em revistas científicas e capítulos de livros.

Paulo Vasconcellos - Escritor e poeta, morador da cidade de Capanema / PA, possuindo trabalhos autorais e em antologias. Escreve continuamente explorando o cotidiano de forma lírica.

Raquel Lopes da Silva - Nascida em Jaboatão dos Guararapes/Pernambuco. Estudante de graduação em Letras-Língua portuguesa. Autodidata na Escola da Vida. Amante das artes e da literatura. É pianista, poetisa, escritora, apaixonada por criar. Gosta de pesquisar assuntos nos campos da filosofia, psicologia, dentre outros. Tem participações em várias antologias, concursos e atividades literárias no Brasil, presencial ou virtualmente. Tem livros de poesia publicados pelo site Clube de Escritores e Amazon.

Rita Queiroz - Natural de Salvador / BA. Professora universitária. Tem diversas publicações em antologias e revistas nacionais e internacionais. Autora dos seguintes livros para o público adulto: Velas ao vento, Confissões de Afrodite, O Canto da borboleta, Canibalismos e Colheitas; para o público infanto-juvenil: Grimalda: a lagartixa empoderada (edição trilingue: português, inglês e espanhol – Historinhas pra contar), Bordado de sonhos (Edição da autora), As artes de Valalô (em coautoria com Márcia Quei-

roz – Historinhas pra contar), Sonhos de criança (em coautoria com Aldirene Máximo – Edição da autora) e Ciranda, cirandinha: vamos brincar com poesia?; além de ter organizado algumas coletâneas. Integra coletivos e academias.

Rosa Acassia Luizari - Pedagoga e pós-graduanda em Literatura Brasileira. Realizou curso de revisão textual. Atualmente, cursa revisão de literatura traduzida (inglês/português). É aluna de especialização em Compreensão de textos e tradução da língua espanhola. Membro da Academia de Ciências, Letras e Artes do Brasil, cadeira 525, patrono maestro Caraaüra.

Rosalva Rocha - Natural de Santo Antônio da Patrulha. Sempre gostou de escrever, mas foi em 2007 que encorajou-se a participar, como coautora, do livro “... aos 40! “. De lá para cá vem participando de diversas publicações, a exemplo das “Antologias da Academia de Escritores do Litoral Norte”, “Suas Excelências, os Personagens”, “Prosa na Varanda” e diversas Antologias do estado. Também participou como coautora do Livro de Receitas “Receitas das Filhas das Mães”. Participa do Caderno Literário Pragmatha e tem seu espaço no Recanto das Letras. É associada do Grêmio Literário Patrulhense, ocupando atualmente a secretaria.

Rosana Batista Almeida - Baiana, de Salvador. Desde a pré-adolescência, já escreve poesias e demonstra preocupações com temas como a solidão, a comunicação entre as pessoas, preservação ambiental e indagações sobre o ser em si. Engenheira civil, desenvolve pesquisa e projetos na área ambiental. Coautora de diversas antologias, publicou pela editora Pragmatha, o seu primeiro livro de poemas, intitulado Circuitos de Solaris.

Roselena de Fátima Nunes Fagundes - Nasceu em São Gabriel / RS. Pedagogia e Psicopedagogia. Atua como professora da Educação do Ensino do Fundamental 1. Já trabalhou com Educação

Especial, Educação Infantil, como Coordenadora Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. Genealogista e Pesquisadora. Radicada em Camaçari / BA. Publicação do livro Sentimentos em poesias.

Rubens Lace - Aposentado, 74 anos, morador de Campinas/SP. Cronista e, raras vezes, poeta, tenho um livro autodidata publicado. Morei por 30 anos no RS e apaixonei-me por esta terra e sua gente, calorosa, praticante de suas tradições.

Simone Röhrig - Empresária, poetisa, formanda em Filosofia (Licenciatura), moradora de Balneário Pinhal - RS. "Com muito amor escrevo meus poemas, poesias. Tenho alguns publicados na revista digital Caderno literário. É com muita satisfação que faço parte da quarta antologia, em publicação impressa pela editora Pragmatha".

Tauã Lima Verdan Rangel - Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais. Autor dos livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta"; "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste"; "Versos, Inversos & Outros Escritos"; "Índri-sos em Versos"; "Efemeridade em Versos"; "Aldravias e Versos"; "Decanatos em Versos". Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas, além de um apaixonado assumido por contos e antologias.

Wezlen Costa - Natural de Capanema / PA, tem afinidade com as letras e quer manter-se firme nas andanças pelos caminhos da poesia.

Tchello d'Barros - Escritor e artista visual. Publicou sete livros e possui crônicas, contos, ensaios e poemas publicados em mais de 70 coletâneas, antologias e livros didáticos. Suas criações visuais já participaram de mais de 150 exposições no Brasil e exterior.

Ministra oficinas literárias e dedica-se a produções audiovisuais e à itinerância de seu projeto multimídia de Poesia Visual “Convergências”.

